

Sufragistas, Caminheiras, Moças...

Num ambiente claramente repressivo, de criminalização e patologização, a homossexualidade tende a ser escondida - e Portugal não escapou a esta tendência.

Até **meados do Séc. XX** são raros os relatos na imprensa sobre este assunto "tabu", são até raros os artigos ou livros sobre o tema.

E, desta vez, homens e mulheres foram tratad@s de forma semelhante - se é verdade que o acto homossexual masculino era mais frequentemente analisado, é também inegável que era mais penalizado e alvo de moralizações públicas várias. Porque às mulheres não era sequer concedido que tivessem uma sexualidade própria, não dependente do homem-marido.

No **início do século XX**, Egas Moniz publica o seu livro "A Vida Sexual". O segundo volume, "Pathologia" (1902) tinha um capítulo sobre homossexualidade em que eram citadas as teorias de alguns dos criadores, como Krafft-Ebbing, de uma visão "científica" da homossexualidade enquanto doença e perversão que irá perdurar ao longo de grande parte do século XX. O livro de Egas Moniz, que foi sucessivamente re-editado, permaneceu como livro de referência e de grande influência em Portugal, quer no meio médico quer no meio jurídico.

A poesia de Judith Teixeira

Durante a primeira República, Judith Teixeira (1880-1959) publica poemas em que, de modo explícito e desassombrado, fala do amor e do erotismo entre mulheres. Juntamente com outros escritores, como António Botto e Raul Leal, que também abordam explicitamente a homossexualidade, levantam um vendaval de reacções na sociedade portuguesa, em vias de entrar em regime ditatorial.

Em Março de 1923 o Governador Civil de Lisboa faz apreender, para depois cremar, exemplares de Decadência de Judith Teixeira, de Sodoma Divinizada de Raúl Leal e das Canções de António Botto. Fernando Pessoa fará a defesa de António Botto e Raúl Leal em "Aviso por causa da moral", enquanto que Judith Teixeira irá defender-se com uma conferência pública, "De mim".

Movimentações políticas femininas: com ou sem lésbicas?

Com o processo do nascimento da república assiste-se também aos primeiros e tímidos passos de lutas das mulheres pela conquista de direitos de cidadania.

A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas é fundada, com a intenção mais ou menos velada de lutar pelo direito ao voto; mas chegada a República, as mulheres portuguesas vêm ser-lhes negado o direito ao voto. Por estranho que possa parecer, este direito veio a ser concedido parcialmente por Salazar em 1931 - simultaneamente à proibição de qualquer associação de mulheres de cariz feminista, sendo extintas as poucas existentes. Poucos anos depois nasce a Mocidade Portuguesa Feminina, cujas fundadoras e ideologia partilham os mesmos inimigos do Estado Novo - o liberalismo e o comunismo - com um inimigo específico adicional: o feminismo.

Em Portugal, ao contrário dos EUA ou do Reino Unido, onde as lésbicas tiveram um papel importante na luta pelo direito ao voto, são desconhecidas quaisquer lésbicas assumidas nestes primeiros movimentos feministas. No entanto, alguns relatos contemporâneos externos ao movimento intuem a sua presença.

O período após a Segunda Guerra Mundial, que em Portugal coincide com o Estado Novo e o crescimento da Mocidade Portuguesa Feminina, assiste-se a um retrocesso dos direitos e do estatuto das mulheres em todo o mundo.

Este facto é visível, por exemplo, no cinema e na própria literatura dos anos cinquenta, onde as imagens das mulheres eram sistematicamente restringidas à doce e fiel esposa, fada do lar, boa dona de casa e mãe extremosa.

Este ambiente significa mais umas décadas de armário profundo para as lésbicas, que neste contexto temiam pelas próprias vidas. Neste período, começam a existir festas particulares onde mulheres solteiras, algumas viúvas e poucas separadas se conheciam e entretinham discretamente nos seus amores; algumas - sempre com medo, muito medo de serem denunciadas - partilhavam casa como amigas.

As lésbicas e as feministas no pós 25 de Abril

Enquanto que no resto da Europa e nos Estados Unidos, os anos 70 e 80 representaram um surgimento do movimento lésbico, e uma visibilidade lésbica nunca antes vista, essencialmente por via do ressurgimento do movimento feminista, em Portugal o mesmo não se passou. No entanto, nos grupos feministas de mulheres formados após o 25 de Abril (por ex: MLM - Movimento de Libertação das Mulheres e o IDM - Informação-Documentação Mulheres), havia um grande número de lésbicas, sendo estes um primeiro pretexto para que estas se envolvessem num activismo militante, sem contudo se terem formado grupos autónomos de lésbicas como aconteceu no estrangeiro.

ontem à noite, no beco das Cruzes, frequentado por mulheres de má nota do bairro de Alfama, deu-se uma cena de crimes, entre duas d'essas desgraçadas, tendo ficado uma d'ellas com uma facada no pescoço. No dito beco, nº50, loja, moram Herminia Viegas e Maria da Conceição Menezes, duas raparigas ainda bastante novas. Entre ellas houve uma cena de crimes, por questões fúteis, e a Maria quiz sair de casa, chegando a remover a sua roupa para casa de Silvana Rosa da Silva, na loja 28. Pouco de depois entrou novamente em casa da Herminia, fechando a porta, applicou à acompanhadora alguns socos, e em seguida jogou-lhe uma facada ao lado direito do pescoço, fazendo um extenso golpe. Maria tentou depois escapar-se, correndo para a rua; mas, sendo perseguida pela ferida, que gritou por socorro, foi presa e conduzida à esquadra do pateo de D. Fradique. A Herminia foi levada ao banco do hospital de S. José, onde a pensaram, sendo a ferida curada a pontos naturais. A navalha, que dizem ser de ponta e moia, não foi encontrada.

Diário de Notícias, Novembro de 1898

O tribadismo está bastante espalhado e grassa com grande intensidade, epidemicamente mesmo, nos centros mais populosos da Europa. Encontram-se em todas as sociedades, mas onde mais se evidencia é no mundo da prostituição, entre as actrices e no seio da aristocracia. (...) A tribrade passa uma vida íntima de torturas por não ter nascido homem: ella e o uranista completam-se-ham operando uma troca de orgão sexualis (...). A inversão sexual é uma doença tão digna de ser tratada como qualquer outra.

Egas Moniz (1902) A Vida Sexual - Pathologia



Há n'esta hedionda perversão moral phenomenos quasi incomprehenzíveis, e verdadeiras paixões tão intensas e violentas, que chegam a esmagar a feição ridícula que contem! Na memória de todos ainda deve perdurar o caso cómico de duas hespanholas casadas que foram presas no Porto. Pois a que executava papel de homem trabalhava infatigavelmente para que à sua esposa (!) não faltasse a menor commodidade, como qualquer homem poderia trabalhar pela mulher amada! Esta aberração, que no caso citado chegou aos dominios dos tribunales, não é infelizmente um caso esporádico. (...) Repto pois, que ninguém malevolamente veja n'este livro outra intenção mais do que avisar os incautos, os crentes e os ingénios, e que todos os país se convençam, que para suas filhas só existe uma única amiga, companheira, confidente e preceptorra íntima de sua saúde que constitue a essencia d'esta obra - a mãe.

Alfredo Galois, Tuberculose Social vol. VII - SAPHICAS, 1933



Amo a queimar-me... a dispersar-me mentindo no Mundo inteiro! Vida de eterno conflito! O meu estaficado coração! É um triste prisioneiro dentro dum cárcere maldito

Dezembro - Noite, 1922, Judith Teixeira



"O amor lésbio" Estamos a considerar a homossexualidade masculina, por ser a mais caracterizada e, sem duvida a mais aberrante. A da mulher, mais difundida talvez, não tem um caracter de tanta persistencia, nem produz perturbacoes tão extensas. (...) O homem, para elas, é um adversário, um rival que dispõe de superiores armas de combate. E - creiam - por força dessas armas que domina e oprime, negando à mulher os direitos de cidadania, tornando-a uma escrava domestica, ou fazendo-a descer à abjeção do meretricio.

Jaime Brasil, A Questão Sexual, Casa Editora Nunes de Carvalho, 1932

Nas camadas cultas recrutam-se as homossexuais não só entre as médicas, farmacêuticas, propagandistas de comícios, escritoras e poetisas, por vezes distintas, bem como se mestres ou preceptorras, fornecendo no nosso meio, em particular, largo contingente as miss, frauleins e demoiselles, que no corrente do estrangeirismo invasor avolumam o mal indigena.

Arlindo Monteiro, Amor sacro e sacrilico, editado por Jaime Brasil, A Questão Sexual, Casa Editora Nunes de Carvalho, 1932



Casando-se, a sua convivência com o marido limita-se aos encontros efêmeros de um amor sem raízes, esse falso amor com o qual se constroem os castelos de cartas dos casamentos desgraçados. A mulher desvaloriza-se na indistinção dos sexos, e, em consequência, o homem rebaixa-se, perdendo o teor viril, porque nos países onde a mulher se masculiniza, o homem também se torna efeminado.

Postos o homem e a mulher nessas condições, só resta, como ligação de milhares de individuos sem clos morais entre si, a força coesiva do Estado.

Pinin Salgado, A Mulher no Séc. XX, 1946



Isto não significa que a homossexualidade feminina não constitua, contado um desafio à sociedade patriarcal e à sua ideologia dominante, assim como as práticas fabricáticas que lhe correspondem - ao assumir uma mulher como seu objecto sexual preferencial, a mulher lésbica demonstra por essa attitude a não necessidade de um homem para sua satisfação, procurando um ser do mesmo sexo para amar (...)

"o Corpo, a Sexualidade, o Poder", Boletim do Grupo da Mulher da AAC (1979)



AP era o nome do agente que me tinha tocado para interrogatório mais íntimo. Tu é fufa? Perguntou. Lembrou-me de ter dado um sorriso, sorriso esse que o homem quebrou com a sua mão na minha cara, estrepente, não pude evitar que as lágrimas caíssem, mas respondi: EU SOU HOMOSSEXUAL. O homem irritado agarra na careca da minha camisa azul-bebé suja de sangue, puxa-me para ele, e quase entrando pela minha boca dentro, diz-me: vais ter de dizer a bem ou a mal o que fazes com as mulheres na cama! (...) Apenas recordo três noites que lá passei, a tarefa que levei, os amigos que não o eram e a minha amiga Adelade, que por lá ficou nesse ninho de baratas montes quarenta e cinco dias, depois foi levada para Caxias mais dois meses e finalmente foi internada no IPO já cancerosa onde viria a falecer sessenta e oito dias.

Helena Correia, Excerto de "Retrospectiva singular da vida homossexual dos anos 60 (Lisboa)", 1997

[Durante a ditadura] Não havia sítios oficialmente consentidos. Mas havia sítios onde as pessoas sabiam que iriam encontrar outras, por transmissão pessoal. Um dos locais onde nos encontrávamos foi escolhido porque encontramos da primeira vez que lá fomos algumas pessoas interessantes e com determinadas características. Havia grupos fechados que se convidavam entre si, mas os lugares públicos eram perigosos por causa da Polícia dos Costumes. A qualquer hora podiam aparecer 2 ou 3 agentes que identificavam todos os presentes e llevavam presos os que não tivessem identificação consigo ou que lhes parecessem suspeitos: presos pelo menos por algumas horas, mas ficando isso registado no cadastro individual. Por isso as pessoas fugiam a esse tipo de lugar.

Entrevista com Ana Silva (Lilias nº8, 1994)



por onde andaram as lésbicas portuguesas? pistas e contribuições para a história do lesbianismo em Portugal

É assim que sente uma mulher que quer falar do lesbianismo numa forma objectiva e nova, pois do lesbianismo ou não se fala ou então fala-se numa forma negativa. Eventualmente também se aceita que o lesbianismo existiu em tempos remotos, ou então que existe nalgum país estrangeiro, mas sempre bem longe de nós, o que não é verdade. Há lésbicas em todos os países. As pessoas heterossexuais normalmente pouca compreensão mostram, para com as lésbicas porque não aceitam que haja alguém que tenha uma sexualidade diferente e como estão tão acostumados à sua universal normalidade sentem-se muito inseguros perante uma pessoa que é diferente, pois é a prova concreta e viva da invalidez dessa universalidade. (...) Por o termo que designa a maneira de ser das lésbicas (homossexualidade) incluir a palavra sexualidade há a tendência de pensar que não se ocupam de mais nada na vida senão de sexo. E como são um grupo marginalizado logo são equiparadas com as características de todos os outros marginais como criminosos, doentes mentais, etc. que nada têm de comum com elas.

Artemisia nº2, (1985)



Os recentes encontros de lésbicas têm demonstrado a vontade de pensar, falar, partilhar o lesbianismo (e também de o dançar e rir), e a vontade que as lésbicas têm de se conhecer e conhecer, cada vez mais, como é que somos e também como foi ser lésbica noutros tempos. É nesta movimentação que surge LILÁS, querendo estabelecer um circuito de ideias, informações, factos, e opiniões.

Editorial da Lilás nº1, Março de 1993

Nas primeiras entrevistas, todas as perguntas que fiz se reportavam aos homens. Levei algum tempo a perceber que ninguém estava absolutamente nada interessada em falar de homens. Isso era coisa constante. E que o lesbianismo era sobre mulheres e não sobre homens.

Tereza Coelho, entrevistada a propósito do seu trabalho no Público (Novembro de 1993) sobre lesbianismo (in Lilás nº5, 1994)

Nós, as lésbicas, somos parte integrante da população feminina e esse facto que é ser mulher torna-nos num alvo para a discriminação e violência que a sociedade patriarcal e machista impõe sobre as mulheres.

No entanto, e por sermos mulheres lésbicas, a cultura falocêntrica fez de nós um grupo invisível intensamente reprimido e marginalizado pela população heterossexual, tanto masculina como feminina. Estes factores explicam a chamada "dupla discriminação" que afecta as lésbicas.

Congratulamo-nos por, com a solidariedade das feministas de todo o mundo, darmos mais este passo no caminho que nos levará à igualdade, ao respeito e à aceitação. Assim, as organizações abaixo-assinadas exigem:

1. Contra a invisibilidade a que temos sido votadas, o reconhecimento das lésbicas enquanto mulheres e pessoas de plenos direitos, independentemente da sua raça, cultura, etnia, religião, condição social, idade, identidade de género e de ser portadora de deficiência.
2. O direito ao corpo, à sexualidade, à educação sexual e cívica e ao aborto.
3. Direito à maternidade, à adopção e à inseminação artificial.
4. Direito à saúde na sua especificidade, incluindo os meios de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.
5. A plena igualdade de direitos para todas as uniões civis, sejam elas o casamento, as uniões de facto ou outras.
6. Direito à nossa história e cultura e a uma educação que não omita a existência de todas as outras formas de família, afecto e sexualidade não normativas.

O nosso objectivo último é criar um mundo onde as pessoas não sejam discriminadas, e garantir que os direitos de todas as mulheres sejam considerados direitos humanos.

Grupo de Mulheres da Associação ILGA PORTUGAL, Clube Safe, GTH, Grupo Lilás

1ª Manifesto Lésbico Português, distribuído na manifestação nacional da Marcha Mundial das Mulheres do Ano 2000



"Isto [não ser reconhecida como mãe] não é uma situação com a qual estamos à vontade", desabafa a companheira de Marta. "É muito difícil para pessoas como nós, que nos regemos por princípios de verdade, estar a colaborar com a hipocrisia dos outros." E antecipa outros problemas: no dia do parto será que no hospital a deixaram assistir ao nascimento daquela que considera sua filha? E quando chegar a hora de inscrever a criança na escola? Será aceite como mãe? E se o dador - que aceitou continuar a vestir o papel de um amigo especial da família mas abdicar totalmente do pai - mudar de ideias e quiser perfilhar a criança? "Não temos outro direito senão mudar de ideias com ele." E se Marta morrer? (...) "Em termos legais, para esta criança, não existe...". diz Marta. "Como a lei está, cria uma sensação de ausência permanente."

Público (25 de Fevereiro de 2008)



Eu sou discriminada porque sou uma mulher que ama outra mulher. Sou discriminada porque sou lésbica - "lésbica", uma palavra que eu nunca ouvi pronunciada por qualquer membro do Governo ou por qualquer pessoa com um cargo político de relevo. Sou discriminada porque para o Estado português ou não existo ou não devia existir. (...) É, claro, sou discriminada porque sou mulher - só que sei bem que só deixarei de o ser quando deixar também de ser discriminada por ser lésbica.

Porque ao ser lésbica estou a violar o papel de género que me querem impor, porque é a sexualidade que estrutura as próprias relações de género, porque o uso continua a usar a homofobia como "tábua de salvação". Porque acredito que no casamento não deve haver "papéis" nem "complementaridades" baseadas no género. E na parentalidade não pode ser o género a definir limites e "funções". Enquanto não recusarmos a homofobia, continuaremos afinal a apoiar o sexismo."

Testemunho (2008) ILGA Portugal



No início do MLM (1974) o lesbianismo ainda era um assunto de que se falava, nomeadamente por influência do que se estava a passar no estrangeiro mas, rapidamente, as lésbicas começaram a ser excluídas. Em grupos feministas que se formaram mais tarde como o IDM (1978), e apesar de algumas das mulheres serem lésbicas, parecia haver uma auto-censura, uma vez que não se podia falar sobre lesbianismo, nem expressar qualquer afectividade lésbica.

Os ventos de mudança sopravam já.

E em algumas publicações feministas a partir dos finais dos anos 70 aparecem alguns textos sobre lesbianismo. Algumas das influências vindas de fora de Portugal, em termos de análise feminista da sexualidade e do desafio que o lesbianismo representava em relação a uma sociedade patriarcal, podem ser vistas num artigo do boletim do Grupo da Mulher da Associação Académica de Coimbra de 1979.

Com os anos 80, esta tendência desenvolve-se e em revistas como Artemisia aparecem alguns dos primeiros textos com uma visão mais positiva e tendencialmente menos clínica do lesbianismo.

Vem também de dentro do movimento feminista uma das primeiras iniciativas culturais com interesse para as lésbicas, o 1.º Festival Internacional de Filmes Realizados por Mulheres, que ocorre em Lisboa nos finais de 1988, no Instituto Franco-Português. Este festival permite que sejam vistos, pela primeira vez em Portugal, alguns filmes lésbicos clássicos como, "Desert Hearts", "Before Stonewall", "Jupon Rouge", "Anne Trister" ou "Novembermond".

Movimentações políticas das lésbicas

As primeiras movimentações políticas das lésbicas - dignas deste nome e do conceito tal como hoje o entendemos - surgem no início dos anos 90. Um casal de lésbicas lisboetas decide que algo tem de mudar e cria, em 1991, a primeira revista lésbica em Portugal - A Organa. Embora esta revista seja lida apenas por um número restrito de pessoas, as duas mulheres decidem organizar um encontro de reflexão em Novembro desse mesmo ano. Estão presentes cerca de 20 mulheres durante 3 dias, e de onde resulta um grupo editorial da Organa mais alargado.

Em Outubro de 1992, há o segundo encontro da Organa onde cerca de 40 mulheres de todo o país discutiram o lesbianismo. O grupo de lésbicas presentes tem uma vontade clara de intervenção e de mudança e dinamiza mais encontros de reflexão nos meses seguintes. Curiosamente, tal acaba por resultar no fim da ORGANA e na criação de um colectivo que decide fazer outra revista em moldes diferentes - a LILÁS. O primeiro número da LILÁS surge em Março de 1993 e rapidamente começa a ter bastante impacto, ao qual não é alheio o facto da imprensa e da opinião pública em geral se ter começado a interessar pela temática do lesbianismo. Mais de 200 mulheres compram a revista, além das dinâmicas geradas com encontros entre estas leitoras.

Em 1996, é formado o Clube SAFO com o intuito de acabar com o isolamento das lésbicas em todo o país. Em 2002, torna-se na primeira associação exclusivamente lésbica portuguesa.

Em Maio de 1998, após um encontro que responde a um apelo mobilizador feito por duas mulheres dos órgãos dirigentes da Associação ILGA Portugal (associação entretanto legalizada), surge no seu interior o Grupo de MULHERES. A comissão instaladora deste Grupo que é formada e que posteriormente dará origem à sua primeira comissão coordenadora, é constituída por lésbicas vindas do colectivo inicial da LILÁS ou que tinham sido previamente leitoras e colaboradoras desta revista.

No início de 1999 inicia a exibição do primeiro ciclo de filmes lésbicos, o qual teria continuação no ano seguinte. Através do Grupo de MULHERES e do Clube SAFO começa a haver uma maior visibilidade das lésbicas na sociedade Portuguesa, com presença mediática crescente.

O início do Séc. XXI trouxe-nos a colaboração estreita e respeito mútuo existente hoje entre o movimento LGBT e o movimento feminista. Um exemplo é a participação do Grupo de MULHERES da Associação ILGA Portugal e do Clube SAFO na Plataforma DIREITO DE OPTAR ou na Marcha MUNDIAL DAS MULHERES, onde temos lutado - lado a lado - contra o sexismo e a homofobia. E foi esta colaboração que nos trouxe hoje aqui, ao Congresso Feminista.

Afinal, feministas e lésbicas, vontades e objectivos comuns nos unem: construir uma sociedade onde a igualdade de género seja plena - e não haja, portanto, lugar nem para a homofobia nem para o sexismo.